

Brasil investe mais em Portugal

por Fernando Canzian
de São Paulo

O Brasil começa a tomar uma posição de liderança entre os investidores estrangeiros em Portugal. Até 1988, as subsidiárias de empresas brasileiras instaladas naquele país ocupavam a 27ª posição entre os maiores investidores. No ano passado, o Brasil saltou para a quinta colocação e deverá ser o terceiro maior investidor neste ano, com projetos no valor de US\$ 500 milhões, de 94 empresas como Metal Leve, Cofap, Banco Itaú, Staroup e Andrade Gutierrez.

O "boom" dos investimentos brasileiros em Portugal teve início no final de 1986, quando o presidente luso, Mário Soares, veio ao Brasil oferecer oportunidades para empresas brasileiras, e começou a se consolidar em 1987, a partir da adesão de Portugal à Comunidade Econômica Européia. "Hoje o Brasil está empurrado com a Holanda em volume de investimentos em Portugal e só atrás do Reino Unido e da Espanha", diz José Francisco de Araújo Lima, presidente do Clube de Empresário do Brasil em Portugal.

O segredo da atração dos portugueses sobre investimentos estrangeiros está calcado no Fundo Estrutural de Desenvolvimento Regional do governo português. Esse órgão chega a financiar, a título de fundo perdido, até 45% do valor de projetos industriais e comerciais, desde que se consolidem. "O fundo tem neste momento mais dinheiro disponível do que projetos em andamento", afirma Lima. A disponibilidade do fundo para este ano, segundo ele, é de US\$ 5 bilhões para as áreas de modernização industrial, energia, turismo e comunicações.

será mais conveniente do que o Brasil", disse.

Outro moderador desta reunião com os empresários, Claude Smadja, editor-chefe da revista World Link — uma elegante publicação do World Economic Forum financiada pela contribuição anual, de US\$ 6.500 dos seus 700 membros a maioria grandes empresários, disse que também não existe entre os investidores japoneses grandes intenções de investir no Brasil nos próximos anos. "O protecionismo e o nacionalismo brasileiros causam grandes suspeitas entre eles", disse Smadja, que ouviu desses empresários apenas algumas possibilidades de os japoneses ingressarem nos projetos de privatização no Brasil, principalmente no ramo siderúrgico, e na conversão da dívida externa como possibilidades de investimentos.

"Mas as mudanças no sentido da liberalização introduzidas pelo Plano Collor são vistas como irreversíveis, mas ainda há uma grande diferença entre o que se fala e o que acontece nos meandros da burocacia brasileira."